

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: DIP geral 49

Data: 09.12.78 Pg.: _____

Villas Boas acusam ex-diretor do Xingu

Os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas acusaram ontem o ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, Olímpio Serra, de ter transformado a região num privilégio dos antropólogos, abandonando em ruínas todo o trabalho que os sertanistas haviam deixado há três anos e sabotando o seu sucessor nomeado pela Funai, Apoena Meirelles, cuja posse foi impedida pelos indígenas, na quarta-feira.

Para Orlando Villas Boas, houve intenção pré-concebida de se criar um clima desfavorável para aquele que fosse substituir Olímpio Serra. "Quiseram apagar a nossa passagem pelo Xingu, para dar lugar a uma nova imagem do parque" — acrescentou Cláudio Villas Boas. Depois da viagem inútil que fizeram ao Xingu, os sertanistas concederam entrevistas ontem, em São Paulo, nas quais descreveram as causas de sua decepção: ausência de uma estrutura voltada para a saúde do índio, casas dos postos em ruínas, am-

bulatórios médicos abandonados e uma frieza na recepção que tiveram dos mesmos índios que apaziguaram e uniram num trabalho de 35 anos.

No entanto, os problemas que surgiram após o inesperado afastamento de Olímpio Serra (ele se opôs à gravação da novela "Aritana", contrariando a Funai pela forma como se manifestou), estão superados para os irmãos Villas Boas. O cacique Aritana, da tribo iaualapiti, veio especialmente a São Paulo para assistir a alguns capítulos da novela e se certificar de que não havia nada contrário aos costumes de sua gente. E, pelo que viu até agora, está de acordo com sua exibição.

Apoena Meirelles retorna ao Xingu segunda-feira, disposto a retomar um trabalho que já deveria ter sido iniciado, enfrentando as dificuldades iniciais, mas sem acreditar em hostilidade por parte dos índios, como ameaças de morte — fato que tanto ele como os Villas Boas dizem não ter existido.

No parque, sertanistas só vêm marcas do abandono

Com pressão alta, nervoso e queixando-se de dores nas costas, Orlando Villas Boas foi obrigado a receber, ontem, em sua casa de São Paulo, numerosos jornalistas que queriam ouvir dele os problemas encontrados no Xingu. Orlando estava muito aborrecido para deixar de falar: "Nós esperávamos encontrar pelos menos um parque funcionando. O que vimos foram as casas que eu deixei em ruínas e o parque como um privilégio de um determinado grupo de antropólogos".

Quando, há dois anos, os irmãos Villas Boas entregaram o parque do Xingu a Olímpio Serra — apresentado e indicado à Funai pelo próprio Orlando — deixaram "18 unidades indígenas tranquilas, coesas, estáveis e todos bateram palmas para o substituto". Eles confiavam no

antropólogo, que desde 1968 era funcionário da Funai. Tinham, mesmo, certeza absoluta, de que ele "fosse estabelecer ali uma estrutura que viesse atender aos índios, na sua preparação para o contato com a sociedade". Este passo, para Orlando Villas Boas, é mais sério e mais difícil do que o que eles deram, "o de normalizar a vida e garantir a segurança física do índio".

Um telefonema — entre os vários que recebeu ontem à tarde — interrompeu a entrevista. Era seu irmão Cláudio, com quem Orlando continuou trocando idéias e desabafando: "Olha Cláudio, isto aqui me dá ânsias, quase náuseas, e se não fosse a briga, a absurda maneira como foi posto o problema, de um ato puramente administrativo, palavra que eu ia fazer

uma carta aberta me retirando totalmente do problema do índio no Brasil".

Há 35 anos, no tempo do marechal Rondon, ele e seu irmão rasgaram 4 mil quilômetros de picadas, desde as margens do rio Araguaia até o Caruru, afluente do Tapajós. Levaram 15 anos neste trabalho e depois pacificaram 18 tribos indígenas, montando no Xingu a sede do extinto serviço de Proteção ao Índio.

"A minha intenção, quando passei o posto para o Olímpio, foi de que ele desse um passo à frente. No da pacificação, você tem a recíproca que te satisfaz: a emoção do contato, um pouco de perigo, são horas e horas para chegar um perto do outro e, terminando isso, o sertanista vai para outro lugar" — explicou Orlando.

Frustrados planos antigos

Os irmãos Villas Boas estavam certos que este passo seguinte seria dado, não em relação ao problema da terra, porque esta "estava garantida", mas no sentido do índio físico, "criando um bom ambulatório, dando consistência maior ao posto, melhorando as suas condições de vida, munindo o posto daquilo que realmente interessa". Eles pretendiam que o índio fosse preparado para um contato futuro com a sociedade: a formação de escolas, de atendentes dentro da própria comunidade indígena. Mas Orlando estava "profundamente constrangido", por ter encontrado os índios que ele, um dia, reuniu numa pequena sociedade de nações indígenas, "infelizes, cercados por mentalidades despreparadas".

Olímpio Serra procurou criar, no entanto, um foco de resistência dentro do Xingu, segundo Orlando Villas Boas, por meio de "uma administração personalizada, que nós tínhamos feito mas que não deveria ter continuado". Não faltaram recursos ao antigo diretor do Parque, acrescentou Villas Boas, "que recebeu milhões da Funai". Por isso ele criticou a sua "incapacidade administrativa e a sua falta de informação humanística, que o levou a doutrinar os índios". "O que Olímpio queria era manter uma ado-

ração de sua pessoa junto aos índios, continuar morando em Brasília e ir ao Xingu de vez em quando — afirmou Orlando. O que queríamos era que o segundo passo fosse dado dentro do mesmo sentido de lealdade que o primeiro".

SABOTAGEM

Ao deixarem o Xingu, na quinta-feira, os Villas Boas não tinham dúvidas de que a péssima recepção dada a Apoena "foi um trabalho de sabotagem de Olímpio", conforme se expressou Cláudio Villas Boas. E ontem, Orlando tentava desfazer para Aritana a versão reinante entre os xinguanos de que, durante a novela "Aritana", aparecia uma cena da Festa do Jacuí — o principal ponto de discórdia dos índios — e que

resultou no apoio dado a Olímpio. Depois de falar com o produtor da novela, ele telefonou para o cacique iaualapiti: "Olha, eu falei com o Galon e ele me garantiu que a cena do Jacuí não é mostrada. Eles filmaram, mas não a usaram. Foi tudo intriga do Olímpio".

Na cultura indígena, o jacuí — uma flauta com semelhança fállica, segundo Orlando Villas Boas — não pode ser visto por mulher. "E o Olímpio colocou na cabeça dos índios de que nem mulher civilizada pode assistir à dança". Era o único ponto da novela, explica, que Olímpio achou "que iria ferir a sensibilidade do índio", mas este símbolo "não tem nenhum sentido de religiosidade". Para os irmãos Villas Boas, não havia nenhum problema em relação a Apoena Meirelles, embora no Xingu ninguém soubesse que Olímpio seria substituído.

Eles defendem inclusive a realização da novela: "É uma mensagem a favor da terra do índio, mostrando a violência do Estado contra a propriedade do índio que vai entrar na casa dos telespectadores, todo dia, durante meses" — afirmou Orlando. "Ela não prejudica o índio, pelo contrário — acrescentou Cláudio — ela chama a atenção do povo brasileiro para o problema da grilagem por posseiros.



Orlando Villas Boas